

## Etnicidade e violência: casos de maus tratos e mortes de imigrantes estrangeiros na Guerra do Contestado

Viviani Poyer (UFSC)\*

O caso das reclamações estrangeiras sobre indivíduos mortos por forças civis já está dando o que fazer e parece que custará caro. Os inquéritos provaram infelizmente que houve degolamentos por parte dos tais civis; a propósito, permita que recomende todo o cuidado no seu relatório se tiver de referir-se a esses fatos.<sup>1</sup>

Esta pequena citação me despertou especial atenção ao ler parte da obra de McCann (2007), dedicada a estudar a história do exército brasileiro entre 1889 a 1937. O trecho que despertou curiosidade se refere a uma nota encontrada no capítulo 3 intitulada *O avanço das espadas* e mais especificamente num dos subcapítulos em que este autor procura mostrar a carreira e ascensão do general Fernando Setembrino de Carvalho (1861- 1847), líder das tropas do governo federal nos anos finais da Guerra do Contestado.

Esta nota poderia ter passado despercebida se não fosse o alerta de que a questão estava tomando proporções internacionais e gerando rusgas diplomáticas entre Brasil e Itália, as quais permanecem como questões abertas na historiografia do Contestado. Em correspondência enviada no final do mês de janeiro de 1915, ao citado general Setembrino de Carvalho, José Caetano de Faria, então ministro da guerra, diz que o governo italiano havia protestado “contra maus tratos a seus cidadãos”<sup>2</sup> e que ele estava enviando um relatório do general ao ministro das relações exteriores Lauro Müller (1863 – 1926).

De fato, ao final da Guerra, mais precisamente no ano de 1915, diversos são os indícios encontrados que apontam para questões relacionadas a mortes e maus tratos de pessoas que haviam se rendido as forças do exército.

Uma vez registrados após rendição, os fiéis eram imediatamente interrogados, suas declarações eram comparadas e se fosse comprovada a existência de algum homem que tivesse atuado ativamente na luta contra as forças de repressão esse era imediatamente assassinado, geralmente por meio da degola.(RODRIGUES, 2008, p. 339).

---

\*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Professora da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

De acordo com as listas nominais dos prisioneiros pode-se identificar que muitos eram de origem européia. Segundo McCann, “o destino dos que se renderam dependeu do caráter e das atitudes do oficial encarregado da unidade à qual eles se entregaram” (MACCANN, 2007, p. 194).

Mesmo que o general Setembrino de Carvalho, representante do governo brasileiro no *front* de batalha, procurasse diante de instâncias superiores, negar tais atos, partindo em defesa de seus homens fossem estes pertencentes às carreiras do exército ou civis aliados, notícias como estas chegaram a ser veiculadas em periódicos da época e provavelmente tenham vazado informações que levaram o governo italiano a protestar e cobrar um posicionamento dos dirigentes brasileiros diante de tais circunstâncias,

Da cadeia de Canoinhas eram tirados diariamente levas de desgraçados que se tinham apresentado voluntariamente, e entregues a Pedro Ruivo, um celerado vaqueano promovido a herói. Pedro Ruivo conduzia as vítimas para fora da vila e, na primeira curva do caminho, degolava-as. Os cadáveres ficavam insepultos. Os porcos e os corvos tinham fome. (O Estado, Florianópolis, 18 maio 1915, citado por QUEIROZ, 1981, p.218).

O episódio relacionado a citação que abre este trabalho, mesmo se analisado de forma isolada já nos aponta muitas questões, e sobretudo traz um elemento bastante importante, que é a presença de diferentes grupos étnicos entre os rebeldes do Contestado aprisionados pelas forças federais. Desta forma a tensão diplomática gerada a partir deste fato pode ser considerada uma das pontas do emaranhado de acontecimentos, muitas vezes caracterizados pela violência que marcou a Guerra do Contestado no seu ano mais crítico.

A participação e o grau de envolvimento de diferentes grupos étnicos, principalmente aqueles compostos por imigrantes europeus e a questão da violência no contexto em que se deu o conflito, são ainda lacunas que anseiam por uma investigação mais aprofundada, e são propostos como tema da presente pesquisa.

A partir das leituras realizadas sobre o Contestado, percebe-se que a historiografia<sup>3</sup> pertinente, aponta para violência existente na região em litígio. “O mundo do sertão do Contestado” como diria (Monteiro, 1974), “é unanimemente descrito como um mundo de violência. Violência por questões de honra, violência

por questões políticas, violência por questões de terra” (MONTEIRO, 1971, p. 37). O discurso construído aponta para a naturalização do caráter violento transcendendo o movimento social.

É necessário apontar também que a historiografia até agora se preocupou de forma significativa em traçar um perfil social daquela população. Segundo Machado (2004, p. 335), “a região que viveu o conflito não apresentava uma estrutura social uniforme”, dado este, na maioria das vezes, considerado também como um dos fatores que corroborava para o desencadeamento da violência.

Além da estrutura social diversificada da região, outros aspectos apontados pela historiografia do Contestado, podem ser considerados fatores que contribuíram na construção de um discurso, que naturalizou a violência como característica regional. Entre eles temos: características geográficas da região, considerada algumas áreas como inóspita; o pouco número de habitantes na sua maioria posseiros; vilas formadas por pessoas que provinham de diferentes regiões do Estado e de estados vizinhos, algumas vezes fugitivos da justiça envolvidos com revoltas acontecidas no Sul do Brasil, outras, por colonos que ali já viviam ou ainda por imigrantes estrangeiros recrutados para trabalhar na construção da estrada de ferro; ataques frequentes de indígenas que habitavam a região; problema do limites de terras entre os Estados de Santa Catarina e Paraná; mandos e desmandos dos coronéis locais; e disputa pela exploração dos ervais localizados em terras consideradas devolutas.

Segundo Espig (2011), muitos estudiosos do Contestado chegam a considerar a violência, quase como “característica” da região em que se deu o movimento. Cabe ressaltar que este discurso é fruto de um determinado tipo de leitura e interpretação de fontes, como os relatos memorialistas de militares e religiosos que atuaram na região e de notícias veiculadas na imprensa da época,

Várias fontes de segunda mão inclusive a maior parte da bibliografia reproduzem a mesma interpretação: a região contestada era consumida pelo conflito entre Santa Catarina e Paraná, e a desorganização do poder público na região, sobretudo no que se refere à ação policial, levava grande volume de criminosos a buscar guarida em suas terras. (ESPIG, 2011, p. 291).

No trabalho intitulado *Errantes do Novo Século*, Duglas Teixeira Monteiro, desenvolve uma discussão teórica sobre a violência praticada na região do Contestado, categorizando esta em dois tipos: a violência costumeira e a violência inovadora. Entendendo que a primeira se dá num tempo, logo num contexto diferenciado da violência inovadora, o autor define que tal violência é “gerada entre as polarizações contraditórias da sujeição e da independência, ela implicava numa visão de mundo na qual a morte cruenta, sujeição radical ao destino, que é um senhor radical, opunha-se à afirmação da vida, que, como ideal, só podia ser autônoma” (MONTEIRO, 1974, p.43). Para ele, o agravamento do movimento social do Contestado, que culminou com a Guerra Santa, trouxe significativas mudanças no quadro social daquela região, e contribuiu para a constituição de outro tipo de violência - a inovadora, que segundo o autor se dava a partir da ruptura da consciência de nivelamento que de certa forma servia de base à violência costumeira.

Assim para explicar como a violência inovadora vai se dando em contrapartida a violência costumeira, o autor busca apontar a atuação e as relações estabelecidas entre novos personagens daquele cenário. A violência inovadora para ele, não se constituía a partir de conflitos entre ‘iguais’ ou potencialmente iguais, mas do embate sangrento entre dois mundos cujas ordenações antagônicas são às vezes claramente discerníveis, completando-se essa oposição, mais tarde, na polarização aguda entre fiéis e mundo secular”(MONTEIRO, 1974, p.49).

Mas a violência<sup>4</sup> por si só não existe se não houver alguém que a pratique, já que a mesma se dá a partir de um ato, relacionado segundo Arendt (1994) ao decréscimo do poder.

O decréscimo do poder pela carência da capacidade de agir em conjunto é um convite à violência. (...) aqueles que perdem esta capacidade, sentindo-a escapar de suas mãos – sejam governantes, sejam governados -, dificilmente resistem à tentação de substituir o poder que está desaparecendo pela violência. (ARENDR, 1994, p.9).

Arendt aponta ainda que é comum enxergar a violência como um fenômeno marginal aos estudos históricos,

Ninguém que se tenha dedicado a pensar a história e a política pode permanecer alheio ao enorme papel que a violência sempre desempenhou nos negócios humanos, e, à primeira vista, é surpreendente que a violência tenha sido raramente escolhida como objeto de consideração especial. (...) Isto indica o quanto a violência e sua arbitrariedade foram consideradas corriqueiras e, portanto, desconsideradas; ninguém questiona ou examina o que é óbvio para todos. Aqueles que viram apenas a violência nos assuntos humanos, convencidos de que eles eram 'sempre fortuitos, nem sérios nem precisos' (Renan), ou de que Deus sempre esteve com os maiores batalhões, nada mais tinham a dizer a respeito da violência ou da história. (ARENDRT, 1994, p.16).

No que se refere à questão do Contestado, pude perceber que excetuando o trabalho de Monteiro (1974)<sup>5</sup>, a questão da violência ainda não foi tomada como objeto de análise. A prática de tais ações geralmente é atribuída ao exército que por sua vez, creditava aos vaqueanos<sup>6</sup>. Os motivos propulsores de diversas mutilações, fuzilamentos ou degolas cometidas contra os prisioneiros é outro aspecto que não parece ter sido até agora de interesse dos diversos historiadores do Contestado<sup>7</sup>.



Imagem: Vaqueanos da Guerra do Contestado. Reprodução de Celso Junior.  
 Disponível em: [http://www.estadao.com.br/fotos/t14\\_vaqueanos\\_600\(1\).jpg](http://www.estadao.com.br/fotos/t14_vaqueanos_600(1).jpg)

A presente pesquisa pretende estabelecer a partir de indícios, quem eram estas pessoas, porque eram mortas com tal crueldade, que atuação haviam tido no movimento para serem considerados perigosos ou inofensivos e por isso escapar da degola. Trilhando este caminho, pretendo ir além dos nomes constantes nas listas nominais dos prisioneiros que se renderam às tropas federais, espero fazer uma revisão crítica sobre os discursos construídos acerca destes personagens. Neste sentido é que considero que existam vazios a serem preenchidos, perguntas as mais diversas que compõe o referido problema de pesquisa com poucas respostas até o presente momento, e que de acordo com Espig (2011, p.291) podem se configurar como “objeto de uma investigação mais apurada”.

De corriqueiro a diplomático, constatei que em determinado momento o aspecto referente a violência na Guerra do Contestado extrapolou o âmbito regional, noticiado por periódicos da época<sup>8</sup>, chegando a ganhar lugar de destaque na composição dos relatórios e correspondências de dirigentes do exército, de ministros, de governantes e até mesmo de diplomatas estrangeiros, como visto na nota introdutória do presente texto.

Ao tomar como ponto de partida desta pesquisa, o ano de 1908, necessário se faz uma breve justificativa. Neste ano se deu a incorporação da EFSPRG<sup>9</sup>, a *Brazil Railway Company* e o início dos trabalhos da linha sul desta ferrovia que cortaria os estados do Paraná e Santa Catarina, saindo de São Paulo e chegando até o Rio Grande do Sul. A mesma era considerada importantíssima naquele contexto, tanto para o desenvolvimento econômico do Brasil, como estrategicamente, já que serviria de principal meio de “deslocamento terrestre de contingentes militares em caso de conflito no Prata.” (Espig, 2011, p.28).

Apesar da procedência dos trabalhadores nacionais recrutados para a construção da linha sul da EFSPRG ser objeto de contradições na historiografia sobre o Contestado, existem fontes que afirmam que um expressivo número de imigrantes estrangeiros compuseram as diferentes frentes de trabalho desta obra. Fossem recrutados de regiões portuárias como Rio de Janeiro, Pernambuco, São Paulo, Santos, Recife ou Salvador,<sup>10</sup> ou ainda, cooptados por anúncios em seus países de origem, com o objetivo de trabalhar na construção da ferrovia ou colonizar as terras concedidas à Lumber<sup>11</sup>, é recorrente a informação, de que um expressivo

número de trabalhadores estrangeiros, veio para a região do conflito, naquele momento.

Na documentação consultada, verificou-se a existência de algum recrutamento em estados do centro do país, porém as mais constantes referências eram feitas a imigrantes, notadamente poloneses, russos, portugueses e italianos. Parte destes, inclusive, foi trazida diretamente pela Companhia a fim de construir a ferrovia e, posteriormente, adquirir e colonizar as terras adjacentes à mesma. (Espig, 2011, p. 379).

Ao fazer esta discussão Espig (2011), aponta sobre a necessidade de um trabalho de pesquisa histórica mais específico sobre estes imigrantes europeus, especialmente os trazidos pela empresa construtora da ferrovia, cujo número aumentou expressivamente quando da retomada da construção do ramal da EFSPRG que ligaria União da Vitória a São Francisco<sup>12</sup> no litoral catarinense.

Machado (2004) coloca ainda, que para as instalações da serraria na estação de Três Barras, criou-se um verdadeiro complexo industrial, que contava com 400 trabalhadores permanentes, sendo na sua maioria imigrantes europeus. De acordo com as folhas de pagamento de 1912 da Lumber, verificou-se que, dos 400 empregados permanentes, “20% possuíam nomes luso-brasileiros; 50% nomes de origem polonesa ou ucraniana; e 30% de origem alemã ou anglo-saxã.” (MACHADO, 2004, p. 151). Para este autor houve a partir deste processo de expansão da exploração da madeira catarinense, não só a destruição das matas e ervais, mas também impacto econômico, ambiental e, “como resultado do processo de grilagem, um verdadeiro processo de exclusão étnica” (MACHADO, 2004, p. 152).

No que se refere a presença do imigrante estrangeiro naquela região é preciso considerar que havia dois grupos com características um tanto diversas, não podendo colocá-los como numa “vala comum” ao tê-los como objeto de pesquisa histórica.<sup>13</sup> Qualquer discurso que generalize estes grupos por critérios de nacionalidade e não de etnicidade corre o risco de não enxergar as suas especificidades, pois estes além de virem de diferentes regiões da Europa aqui chegaram em contextos diversos: um anterior a construção da estrada de ferro, com o intuito de uma colonização mais imediata, de acordo com a política colonizadora do império e outro, quando já da existência do conflito em torno dos limites do

Estado de Santa Catarina e Paraná e as lutas pela posse de terras e ervais entre coronéis e moradores/posseiros da região.

Diante da suposta diferenciação entre estes dois grupos de imigrantes, novas questões surgem a fim de traçar um caminho que nos leve até os atos de violência praticados contra os estrangeiros imigrantes, principalmente nos momentos finais da Guerra do Contestado quando da tomada dos diferentes redutos ou “cidades santas”<sup>14</sup>. Entre os questionamentos estariam: qual teria sido o grau de envolvimento dos imigrantes no movimento? O envolvimento teria sido diferente de acordo com o grupo de imigrantes? Quais seriam os motivos que levaram a sua integração e/ou identificação com as causas dos sertanejos seguidores de João Maria?

Machado nos aponta que:

Estes imigrantes mais antigos, principalmente das regiões de São Bento, Rio Negro e Canoinhas, aderiam com facilidade à “visão de mundo” cabocla, em sua maioria eram devotos de João Maria, e muitos atenderam voluntariamente ao chamado dos redutários de Taquaruçu. (MACHADO, p.2004, p.152).

Ainda segundo este autor, vários imigrantes estrangeiros e descendentes destes integravam diversos redutos rebeldes, alguns por vontade própria, outros por obrigação. Dentre estes suponho que deveriam fazer parte, estrangeiros das primeiras levadas imigratórias e trabalhadores estrangeiros remanescentes da construção da EFSPRG. Para Espig (2011) porém, se houve a adesão e participação de trabalhadores estrangeiros da EFSPRG no movimento do Contestado, devem ter sido aqueles envolvidos mais diretamente com a construção do ramal União da Vitória – São Francisco. Pois os que construíram o trecho da estrada que cortava o Vale do Rio do Peixe, finalizado em 1910, devem ter voltado aos seus locais de origem e não retornariam quando da eclosão do movimento. Por outro lado, os que ficaram para a construção do ramal União da Vitória – São Francisco, teriam talvez motivos para aderirem a causa.

Em meio a controvérsias, o fato é que existem registros da participação de imigrantes estrangeiros no movimento e mais questionamentos surgem: teriam os vaqueanos envolvidos nos casos de violência, registrados pela imprensa da época e



pelo próprio General Fernando Setembrino de Carvalho, como distinguir entre os imigrantes provenientes da primeira leva e aqueles que haviam trabalhado na construção da EFSPRG? Esta distinção poderia ser uma justificativa para os atos violentos por eles praticados, uma vez que muitos destes atos foram praticados contra homens que já haviam se rendido às forças do exército e até se encontravam presos na cadeia de Canoinhas como citado anteriormente? Os oficiais que comandavam estes grupos teriam ordenado ou sabiam e eram coniventes com tais ações por parte dos vaqueanos? Porque os vaqueanos e oficiais envolvidos nestes casos não foram condenados?

McCann (2007) aponta sobre a existência de inquiridos militares que comprovam estes atos por parte de civis a serviço do exército, porém nos coloca que os responsáveis nunca foram punidos. Entre as fontes citadas por este autor, as listas nominais ajudam a identificar que muitos destes eram de origem brasileira/portuguesa, e também nomes de prováveis imigrantes, alemães, italianos, ucranianos e poloneses.

Em carta ao então governador do estado<sup>15</sup>, Setembrino de Carvalho, nega a participação de “Pedro Ruivo e outros civis colaboradores de unidades do Exército” em atos de depredação ou assassinatos, admitiu, porém que casas e suprimentos em áreas rebeldes haviam sido queimadas, mas justificando este ato “como necessário para eliminar os recursos de sobrevivência do inimigo e assim forçar a rendição” (McCann, 2007, p.195).

Diante destes acontecimentos, mais dúvidas: os atos violentos praticados por parte das forças do Exército e imortalizados pelos relatórios e pelas memórias dos historiadores de farda<sup>16</sup> constituem um discurso em prol da construção de uma imagem que se queria para o exército brasileiro naquele momento? Sobretudo percebe-se que estes atos parecem demonstrar certa ingerência por parte dos governos federais e estaduais sobre aquela região, deixando que imperasse de certa forma, como diria Machado (2004, p.146), “a cultura da violência da resolução de pendências pessoais à faca,”.

<sup>1</sup>José Caetano de Faria a Fernando Setembrino de Carvalho, Rio de Janeiro, 19 de maio de 1915, AFSC, CPDOC.

<sup>2</sup>José Caetano de Faria a Fernando Setembrino de Carvalho, Rio de Janeiro, 29 jan. 1915, AFASC, CPDOC.

<sup>3</sup>Maurício Vinhas de Queiróz (1981), ao traçar um breve histórico acerca das diversas vilas localizadas na região denominada “Serra Acima”, mais especificamente sobre a Vila de Canoinhas, aponta que esta tornou-se uma espécie de reduto de velhos maragatos e supostos foragidos da justiça dos Estados do Paraná e de Santa Catarina. Douglas Teixeira Monteiro (1974), de forma um tanto diferenciada, busca desenvolver uma análise sobre a violência naquela região, categorizando esta em violência costumeira e violência inovadora. Já Márcia Janete Espig (2011), discute a atuação dos turmeiros na construção da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande (EFSPRG) e procura apontar as questões relacionadas ao caráter, praticamente cotidiano, da violência em relação a estes trabalhadores e característico a região do Contestado, principalmente onde se localiza o atual oeste catarinense.

<sup>4</sup>Para ARENDT (1994), aviolência é inerente ao ato de “fazer”, “fabricar” e “produzir” e, identificando esta ainda como o ato de “matar” e “violar”. Portanto, violência não identificaria qualquer ato coativo, mas apenas aquele que opera, no caso das relações sociais, sobre o corpo físico do oponente, matando-o, violando-o, enfim, parece descrever apenas o *uso efetivo dos implementos*.

<sup>5</sup>Como já falei anteriormente Monteiro (1974, p. 37-55) em seu trabalho busca conceituar e categorizar os tipos de violência que ocorrem na região do Contestado.

<sup>6</sup>Vaqueanos era o nome dado aos civis moradores da região, muitas vezes capatazes de coronéis, que se aliaram as forças nacionais contra os “fanáticos” tendo como função principal guiar as tropas pelas regiões de difícil acesso e pouco conhecidas por aquelas tropas.

<sup>7</sup>Rodrigues em tese de doutorado dedica capítulo (cap. 5) sobre a relação dos vaqueanos com o exército, no entanto, não tinha como foco fazer análise aprofundada sobre a questão da violência, mas destacar o papel de forças civis em um exército que se pretendia profissional.

<sup>8</sup>Periódicos como *Diário da Tarde* de Curitiba-PR, e *O Progresso* de Ponta Grossa-PR, relatavam com frequência casos de maus tratos como cárcere privado, espancamentos e mortes de imigrantes estrangeiros trabalhadores da EFSPRG, no período 1908 a 1910. Sobre este aspecto ver ESPIG (2011).

<sup>9</sup>Sigla referente a Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande do Sul.

<sup>10</sup>Este aspecto é alvo de discussão intensa e recorrente nos diversos trabalhos desenvolvidos acerca do Contestado, sobre as diferentes procedências dos trabalhadores encontramos discordâncias entre as fontes, como os relatórios ou memórias de envolvidos no conflito, perpassando a chamada “historiografia clássica”, chegando ainda até os trabalhos mais recentes. (Espig, 2011, p.71-92).

<sup>11</sup>A *Southern Brazil Lumber and Colonization* foi uma subsidiária criada pela *Brazil Railway Company*, com o objetivo de explorar a madeira e as terras que margeavam as laterais da ferrovia, concedidas pelo governo brasileiro. Criou diversas serrarias para a exploração da madeira a primeira e menor em Calmon e a segunda e de maior porte em Três Barras (estação da estrada de ferro que ligaria União da Vitória a São Francisco do Sul). Maurício Vinhas de Queiroz nos aponta que ela “tornou-se a maior companhia madeireira da América do Sul.” (QUEIROZ, 3ª ed., 1981, p.74)

<sup>12</sup>O ramal da EFSPRG, que ligaria União da Vitória a São Francisco com o objetivo de escoar a produção de erva mate daquela região, foi iniciado, segundo Filho (2009), em 1906 e finalizado somente em 1917.

<sup>13</sup>Não pode se deixar de lado o fato de que em diversas localidades da região envolvida no movimento do Contestado, fossem vilas ou não, contavam com a presença de imigrantes de diferentes nacionalidades anteriormente ao ano de 1908. Tem-se registro de 31 famílias de imigrantes alemães que vieram para colonizar a região de Rio Negro em 1829, Itaiópolis a partir de 1891, conta com a presença de operários industriais provenientes de Londres e também da Polônia, sendo que mais tarde esta localidade também recebeu colonos rutenos, segundo Queiróz (1981), provenientes de fazendas cafeeiras de São Paulo. Registros apontam que União da Vitória, ou Porto União ou simplesmente Porto, principal cidade da região “Serra Acima” do Estado do Paraná, teve grande influência da colonização norte europeia, principalmente descendentes de poloneses.

<sup>14</sup>Reduto foi um termo amplamente utilizado pelos militares envolvidos com o movimento, em suas memórias ou relatórios ao se referirem as vilas que abrigavam os “sertanejos” seguidores de João Maria e envolvidos com a causa do Contestado. Já Cidade Santa é um termo utilizado pelos próprios sertanejos, ao se referir aos locais ou comunidades por eles criadas para abrigá-los.

<sup>15</sup>O governador do Estado de Santa Catarina no período entre 1914-1918 era o coronel Felipe Schmidt.

<sup>16</sup>RODRIGUES, Rogério Rosa. **Nas trincheiras da palavra**: os historiadores de farda e as narrativas históricas sobre a Guerra do Contestado. Texto inédito, acesso cedido pelo autor em outubro de 2012.

## Referências bibliográficas

ARENDDT, Hannah. **Sobre a violência**. Trad. André Duarte. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **A Campanha do Contestado**. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

DIACON, Todd A. **Millenarian vision, capitalist reality: Brazil's Contestado rebellion, 1912 -1916**. Durham: Duke University Press, 1991.

ESPIG, Márcia Janete. **Personagens do Contestado: os turmeiros da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande (1908-1915)**. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2011.

GOULARTI FILHO, Alcides. A Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande na formação econômica regional em Santa Catarina. **Geosul**, Florianópolis, v. 24, n. 48, p 103-128, jul./dez. 2009.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

MCCANN, Frank D. **Soldados da pátria: história do exército brasileiro, 1889-1937**. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. **Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado**. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado (1912 – 1916)**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1981.

RODRIGUES, Rogério Rosa. Lições Militares. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, ano 7, n. 85, p. 30-33, out., 2012.

\_\_\_\_\_. **Nas trincheiras da palavra: os historiadores de farda e as narrativas históricas sobre a Guerra do Contestado**. Texto inédito, acesso gentilmente cedido pelo autor. 2012.



10.4025/6cih.pphuem.321

---

\_\_\_\_\_. Espírito militar e ideologia política: a atuação do exército na repressão à Guerra do Contestado. **R. Mest. Hist.**, Vassouras, v. 13, n. 1, p. 69-82, jan./jun., 2011.

\_\_\_\_\_. **Veredas de um grande sertão**: a Guerra do Contestado e a modernização do Exército Brasileiro. Tese de doutorado em história, UFRJ. Rio de Janeiro, 2008.

\_\_\_\_\_. **Notícias do Front**: a imprensa Catarinense e a sua representação sobre a Guerra do Contestado. Dissertação de mestrado em história, UFSC. Florianópolis, 2001.